

# EM TORNO DA PRÁTICA DISCURSIVA MATERIALISTA

## CONCERNING DISCURSIVE MATERIALIST PRACTICE

Suzy Laggazi<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este artigo discute a prática discursiva a partir das obras *Análise Automática do Discurso – AAD-69, Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* e *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação (Anexo III)*, de Michel Pêcheux, ressaltando os gestos teórico-analíticos importantes para a definição e consolidação do dispositivo de leitura materialista proposto pelo autor. São pontos de enfoque deste artigo a preocupação de Pêcheux com “o modo de acesso ao objeto” e com a compreensão do processo discursivo, seu investimento na crítica ao idealismo e na relação de interpelação ideológica do sujeito, e finalmente seu gesto de retificação que mostrou a importância em aproximar o marxismo da psicanálise.*

**Palavras-chave:** análise do Discurso; prática discursiva; leitura materialista; sujeito e ideologia.

**Abstract:** *This article discusses the discursive practice based on Michel Pêcheux’s *Análise Automática do Discurso – AAD-69, Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* and *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação (Anexo III)*, highlighting both theoretical and analytical gestures, which are important to the definition and consolidation of the materialist reading device intended by the author. This article’s main approaches are Pêcheux’s concerns about the “object’s access mode” and the comprehension of the discursive proceeding; his investments on the critique of idealism and on the ideological interpellation of the subject, and finally his rectification gesture, which evinced the importance of gathering marxism and psychoanalysis.*

**Keywords:** discourse Analysis; discursive practices; materialist reading; subject and ideology.

---

<sup>1</sup> Professora Assistente Doutora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

## 1 Introdução

A prática discursiva materialista é sempre desafiadora porque demanda compreensões que vão sendo elaboradas ao longo dos trajetos analíticos. Isso significa que os “princípios e procedimentos” (ORLANDI, 1999, p.11) a serem seguidos são mobilizados em função do material selecionado: o corpus vai sendo gradativamente delimitado à medida que as regularidades que caracterizam o funcionamento discursivo vão sendo localizadas na materialidade significativa (LAGAZZI, 2009, p.68) em análise. Nessa busca por esse “saber como fazer”, que demanda o analista na dialética entre teoria e prática, é importante a compreensão do que constitui a prática discursiva materialista na diferença com a prática de conteúdo. Michel Pêcheux elaborou essa diferença defendendo uma proposta de “leitura não subjetiva da subjetividade” (PÊCHEUX, 1988, p.60). Trata-se, pois, para o autor, de considerar, sim, o sujeito, e perguntar pelas posições que o constituem na relação com o discurso, colocando em suspenso as evidências das interpretações que o tomam enquanto sujeito ideológico. Para isso, nos diz Pêcheux, devemos “dar o primado ao gesto de descrição” (PÊCHEUX, 1990, p.50). É somente ao colocar a estrutura em relação com outras possibilidades estruturais, ou seja, é somente ao dar lugar à descrição pelo exercício parafrástico que a evidência do conteúdo será relativizada e o analista poderá dar consequência ao movimento da interpretação para compreendê-lo em seus pré-construídos.

Em seu percurso de elaboração da proposta materialista de leitura, Pêcheux fez gestos teórico-analíticos muito importantes para a definição da prática discursiva. Faço a escolha de retomar, na história desse “empreendimento”, para usar um termo do próprio Pêcheux (GADET & HAK, 1990, p.163), alguns desses gestos teórico-analíticos, ressaltando seu lugar na prática discursiva materialista.

## 2 A mudança de terreno

Pêcheux inicia seu texto *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) insistindo em dois deslocamentos importantes no que concerne ao campo da linguística: o deslocamento do texto para a língua e o deslocamento da função para o funcionamento. Retomando de Saussure a língua como sistema, Pêcheux afirma que “o deslocamento conceptual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar a homogeneidade cúmplice en-

tre a prática e a teoria da linguagem” (idem, p.62), pois “as questões concernentes aos usos semânticos e sintáticos colocados em evidência pelo texto ajudavam a responder às questões que diziam respeito ao sentido do texto (o que o autor “quis dizer”)” (idem, p.61). Dessa forma, não se separava a “ciência da expressão” da “ciência dos meios desta expressão” e a gramática e a semântica se imobilizavam a serviço da compreensão do texto. Pêcheux especifica que ao ser pensada como sistema, a língua “deixa de ser compreendida como tendo a *função*<sup>2</sup> de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento* [...]” (idem, p.62). Pêcheux reitera que o fato teórico fundamental que marca o nascimento da linguística moderna é justamente a passagem da função ao funcionamento.

Hoje conseguimos ter a dimensão discursiva das consequências desses dois deslocamentos feitos por Pêcheux. A língua com suporte material do sentido, pensada em seu funcionamento, deu à semântica um novo horizonte e um novo objeto: o discurso. Sempre preocupado com a produção científica do conhecimento, Pêcheux fez uma investida certa contra a análise de conteúdo ao olhar para a materialidade da língua colocando a interpretação em questão. Sua preocupação com a relação entre a “superfície linguística” e o “processo discursivo” o levou a enfrentar as “dificuldades metodológicas relativas à constituição do *corpus*” (idem, p.67). Nas palavras do autor, “o problema diz respeito, pois, antes de tudo, ao modo de acesso ao objeto” (idem, p.68).

Chamando a atenção para o perigo da “reaparição triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição” (idem, p.71), reaparição esta autorizada por muitas leituras que tomaram como ponto de partida a oposição saussureana entre língua e fala, Pêcheux se opôs fortemente ao subjetivismo afirmando a necessidade de um “deslocamento da perspectiva teórica, uma mudança de terreno, que fizesse intervir conceitos exteriores à região da linguística” (idem, p.73). Diz o autor:

tudo se passa como se a linguística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema. A fala, enquanto uso da língua, aparece como um *caminho da liberdade humana* [...] (GADET & HAK, 1990, p.71).

---

2 Mantive todos os realces em todas as citações, tal como no texto de referência.

E para essa “mudança de terreno”, Pêcheux afirma que uma “frase deve ser referida ao mecanismo discursivo específico que a tornou possível e necessária em um contexto científico dado” (idem, p.73). Assim:

[...] os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso. (GADET & HAK, 1990. p.78).

Ponto fundamental este do conceito de ‘condições de produção’. Chamei atenção acima para o enfrentamento certo de Pêcheux contra a análise de conteúdo pelo trabalho com a materialidade da língua. Pois este é apenas um lado da moeda. É justamente por seu caráter histórico que a língua fica investida pelo discursivo. Perguntar pelas condições de produção dos sentidos e o modo pelo qual essa produção se materializa na língua é fechar o cerco contra o conteudismo e contra o retorno “triumfal” do sujeito.

Ao explicitar o “mecanismo de colocação dos protagonistas” como condição de produção do discurso, Pêcheux coloca em suspenso o determinismo social através dos conceitos de ‘formações imaginárias’ e de ‘antecipação’: “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (idem, p.82) na estrutura da formação social. Esses lugares, continua o autor, “representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo”, encontram-se ali “presentes, mas transformados” pelas ‘regras de projeção’ que não deixam coincidir as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (idem, ibidem). Pêcheux acrescenta que faz parte de todo processo discursivo a “antecipação das representações” (idem, p.84) por parte do orador, que de alguma forma experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador.

Pêcheux ainda esclarece que:

Por oposição à tese “fenomenológica” que colocaria a *apreensão perceptiva* do referente, do outro e de si mesmo como *condição pré-discursiva do discurso*, supomos que a percepção é sempre

atravessada pelo “já ouvido” e o “já dito”, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas.” (GADET & HAK, 1990. p.85-86).

Cabe ressaltar, no que concerne à antecipação, que estamos falando do que é possível o sujeito experimentar quanto ao lugar do ouvinte a partir do seu próprio lugar, do que é possível o sujeito antecipar, a partir das determinações que o constituem e que definem sua posição no discurso. E no que diz respeito às formações imaginárias, pensá-las como atravessadas pelo “já-dito” e pelo “já-ouvido” significa reconhecê-las como um espaço de interlocução marcado pelo movimento dos sentidos e por relações de força, no qual os sujeitos transitam entre constantes reformulações. Como bem afirma Pêcheux, não há sujeito psicológico universal que sustente o processo de produção de todos os discursos possíveis (idem, p.93).

Voltando à preocupação de Pêcheux de como chegar ao processo de produção do discurso, é muito consequente sua afirmação de que “a série das *superfícies* discursivas constitui um *vestígio* do processo de produção do discurso” (idem, p.94). Essa afirmação nos leva ao ‘efeito metafórico’. Lembremos que Pêcheux buscava procedimentos analíticos que lhe permitissem compreender o processo discursivo e que ele institui a língua como o lugar material desse trabalho. Além disso, se não há um sujeito universal e se as relações de força constituem a interlocução num jogo imaginário muito eficaz, importava para Pêcheux compreender a interpretação em relação às derivas na língua que se realizam entre locutor e interlocutor, para estabelecer as posições de sujeito em funcionamento. Mesmo ainda não tendo, nesse momento do texto de 69, elaborado a relação entre posição de sujeito e ideologia, é importante ressaltarmos que o autor já fala numa discrepância entre a situação objetivamente definida e a representação dessa situação, que é a posição. E essa discrepância é fundamental como um primeiro momento de o autor se contrapor ao psicologismo.

Para falar do efeito metafórico, Pêcheux parte da pergunta: “existe pelo menos um discurso no interior do qual  $x$  e  $y$  possam ser substituídos um pelo outro sem mudar a interpretação desse discurso?” (idem, *ibidem*). Interessa ao autor a possibilidade de substituições contextuais, que ele denomina *sinonímia local* ou *contextual*, definindo-as como efeito metafórico: o “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre  $x$  e  $y$  é constitutivo de  $x$  e  $y$ ” (idem, p.96). O efeito metafórico mostra que a ancoragem semântica se mantém na variação da superfície do texto e que, mesmo quando duas seqüências não apresentam mais nenhum termo em comum, elas podem

guardar uma equivalência semântica. Pêcheux ressalta que “é esta repetição do idêntico através das formas necessariamente diversas que caracteriza [...] o mecanismo de um processo de produção” (idem, p.97). E acrescenta:

o confronto recíproco das formas variadas da superfície permite, ao multiplicar a presença do discurso por ele mesmo, manifestar a estrutura invariante do processo de produção para um estado dado, estrutura esta cujas variações são o sintoma (GADET & HAK, 1990. p.98).

Com o conceito de efeito metafórico, Pêcheux consolida a possibilidade do trabalho com a materialidade da língua e permite que, pelo dispositivo analítico de leitura, se faça visível a relação entre superfície linguística e processo de produção do discurso: diferentes marcas significantes para o mesmo processo discursivo. Retomo sua afirmação, anteriormente citada, de que “o problema diz respeito, pois, antes de tudo, ao modo de acesso ao objeto”. O conceito de efeito metafórico vem dar movimento à superfície linguística, com a conseqüente possibilidade de delimitação do *corpus* e compreensão das regularidades que constituem o funcionamento discursivo. Uma “cartada de mestre”!

Refinando ainda mais seu dispositivo, Pêcheux adota “o termo *enunciado* para distinguir a frase elementar enquanto objeto único sobre o qual opera o mecanismo do discurso”. Com base no que afirma Benveniste sobre a frase ao convocá-la como “unidade do discurso” (apud Gadet & Hak, 1990. p. 100), Pêcheux continua: “resulta do que precede que não há relações de combinação/substituição entre os enunciados que permita construir a partir deles o discurso como unidade superior, pois *o enunciado já é da ordem do discurso*”. É do enunciado que fala Pêcheux quando formula que os “os *pontos de recorte*<sup>3</sup> definidos pelos efeitos metafóricos permitirão assim extrair os domínios semânticos determinados pelo processo dominante” (idem, p.104). E o autor continua:

[...] toda forma discursiva particular remete necessariamente à série de formas possíveis, e [...] essas remissões da superfície de cada discurso às superfícies possíveis que lhe são (em parte) justapostas na operação de análise, constituem justamente os *sintomas pertinentes* do processo de produção dominante que rege o discurso submetido à análise (GADET & HAK, 1990. p.105).

---

3 Realce meu.

O enunciado como unidade do discurso. Uma compreensão importante para a prática discursiva materialista, que mostra um olhar analítico para a língua muito diferente do olhar conteudista. Um olhar consequente com a filiação ao materialismo histórico.

O texto de 69 nos apresenta gestos teórico-analíticos fundadores de uma prática que se contrapõe fortemente ao conteudismo subjetivista pelo investimento no conceito de língua, trazido de Saussure, e no conceito de condições de produção, a partir do materialismo histórico. Um momento de rupturas teóricas e analíticas que deixou várias questões em aberto, com “um certo número de dificuldades que fica[ra]m por superar” (idem, p.147), principalmente no que concerne ao dispositivo analítico. No que diz respeito ao campo da história das ciências, Pêcheux assinala:

A identificação da “ruptura epistemológica” entre uma ciência e o terreno de que ela se separa para se constituir surgiu como um dos problemas cruciais que a história das ciências deve resolver: a análise das condições nas quais um novo discurso científico se instaura, com os meios que ele empresta às ciências já existentes ou as representações “não-científicas” pode ser descrita como o relacionamento entre vários processos de produção cuja interação engendra, em certas condições, um novo processo que subverte as regras de coerência que regem o discurso anterior. [...] O estudo dos processos aos quais uma ciência faz empréstimos, que ela usa como *metáforas* para compreender e para se fazer compreender, o do “contexto” de uma obra científica – a constelação dos processos discursivos com os quais ela debate e se debate –, aquele enfim da “difusão” dos conhecimentos em um sistema de representações pré-científicas, colocam uma série de problemas que o tipo de análise proposto contribuiria, talvez, para resolver. (GADET & HAK, 1990. p.150-151).

Tanto as dificuldades analíticas a serem superadas, assinaladas por Pêcheux em vários momentos do texto de 69, quanto o investimento do dispositivo de leitura materialista na compreensão do processo de produção de um novo discurso científico, ressaltadas no recorte acima, são questões que Pêcheux levou a sério na continuidade de sua reflexão e que são retomadas em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (PÊCHEUX, 1988), com “uma excepcional energia intelectual poucas vezes atingida no domínio dos estudos linguísticos”, como afirma Orlandi na *Nota à edição brasileira* dessa obra (idem, p.06).

### 3 *Habitando o novo terreno*

Pêcheux (1988) inicia *Semântica e Discurso* falando do “horror prático do regime stalinista” e de como “as causas profundas” desse “desvio” “permanecem opacas, continuando, intactas, a produzir seus efeitos...” (idem, p.15). Essa ignorância das causas abriu, segundo o autor, um “novo espaço no movimento comunista”, trazendo o objetivo de indagar sobre “a relação da política do proletariado com o Estado burguês, [...] os meios de se quebrar os mecanismos pelos quais [o Estado] se reproduz”. Essas indagações levaram os pesquisadores marxistas a reconhecer as regiões teóricas inacessíveis durante o período stalinista, sendo “a Semântica”, concebida como a disciplina linguística que se ocupa da significação, “um desses terrenos tabus” (idem, p.16).

Pêcheux reivindica a necessidade de “abrir, no marxismo e no leninismo”, uma crítica da reconciliação entre o marxismo e a semântica empreendida por alguns pesquisadores, tornando visível o *oportunismo filosófico* idealista que sustenta essa reconciliação. O autor ainda ressalta “*também a liberdade de lutar contra uma concepção stalinista voluntarista da ciência* em que “o marxismo” ditaria [...] seus princípios e seus resultados [...]” (idem, p.17).

Tendo como panorama as questões acima, Pêcheux inicia uma longa incursão filosófica retomando as decorrências de dois prolongamentos imputados à Semântica: a Lógica, na forma da “Teoria do Conhecimento” e das “leis do pensamento”, e a Retórica, “enquanto reflexão sobre a técnica da argumentação, manipulação da crença, fabulação e engano” (idem, p.18). Lógica e Retórica se contrabalançando nas duas formas filosóficas especializadas do “realismo metafísico” e do “empirismo lógico” (idem, p.28), que Pêcheux afirma serem duas formas do idealismo. O autor mostra que no

imenso trajeto desde a filosofia de Aristóteles até a disciplina “científica” que leva hoje o nome de Semântica (passando pelos escritos de Port Royal e pela fenomenologia), [...] se entrecruzam constantemente o fio da *analítica* (as regras do raciocínio demonstrativo que permitem aceder ao conhecimento) e o da *retórica* (a arte que permite convencer pela utilização do verossimilhante); um trajeto que, *em seu próprio desenvolvimento*, parece condenado a voltar indefinidamente sobre seus próprios passos...” (PÊCHEUX, 1988. p.63).

Pêcheux salienta que “o círculo ideológico sistema/sujeito-falante constitui o invariante das diferentes formas que “a Semântica” toma hoje”

(idem, ibidem). Assim, complementa o autor, a Linguística atual distribui o campo da linguagem sobre dois polos: “o conjunto dos enunciados científicos, de um lado, e a conversação (ou linguagem cotidiana), de outro” (idem, ibidem). Além disso, a posição filosófica do continuísmo entre “dado” e “deduzido” sobre a qual se apoia a Linguística hoje, com a crença de que se pode apreender o dado e também se pode deduzir, “fornece um meio de distinguir entre o que é ciência e o que não é, e de decidir, pelo exame de marcas internas, se um discurso é científico ou não” (idem, 65).

Com essas considerações, Pêcheux afirma que atinge

*nos subterrâneos da “filosofia da linguagem” enquanto filosofia espontânea da Linguística, o núcleo filosófico do idealismo que, sob sua dupla forma, se opõe contraditoriamente à posição filosófica do materialismo marcada pelo reconhecimento das disciplinas científicas existentes.*

*[...] as teorias empiristas do conhecimento, tanto quanto as teorias realistas, parecem ter interesse em esquecer a existência das disciplinas científicas historicamente constituídas, em proveito de uma teoria universal das ideias, quer tome ela a forma realista de uma rede universal e, a priori, de noções, quer tome a forma empirista de um procedimento administrativo aplicável ao universo pensado como conjunto de fatos, objetos, acontecimentos ou atos. (PÊCHEUX, 1988. p.72).*

O autor qualifica tanto as teorias empiristas quanto as teorias realistas como teorias *ideológicas*, na medida em que encobrem a distinção entre ciência e não-ciência (idem, p.72), pela “necessidade cega” (referência a Engels) de desconhecimento das determinações históricas que constituem um determinado conhecimento. Segundo Pêcheux, “a descoberta fundamental do marxismo-leninismo consiste precisamente em reconhecer que o efeito dessa necessidade [cega] [...] engloba as forças produtivas e as relações de produção que determinam a história das “sociedades humanas””. Daí decorre que “o ideológico, enquanto “representação” imaginária, está [...] necessariamente subordinado às forças materiais “que dirigem os homens” [...], reinscrevendo-se nelas”. (idem, p.73)

Esse embate entre idealismo e materialismo no campo da história das ciências, campo da produção do conhecimento, era fundamental para que Pêcheux pudesse fazer uma crítica consequente das “pseudociências do proletariado” que se sustentavam em perspectivas voluntaristas. Chegar a uma ciência do proletariado era o que pretendia Pêcheux em *Semântica e*

*Discurso* e para isso era necessária a passagem do idealismo ao materialismo, do sujeito centrado ao descentramento do sujeito. A constituição do sujeito pela interpelação ideológica é um dos grandes investimentos de Pêcheux neste texto.

“O essencial da tese materialista”, diz Pêcheux, “é colocar a independência do mundo exterior [...] em relação ao sujeito e simultaneamente a dependência do sujeito com respeito ao mundo exterior [...]” (idem, p.76). O autor propõe chamar “o conhecimento objetivo das leis do mundo exterior ao sujeito” *processo científico-conceptual*, distinto do *processo ideológico-nocional*. Afirma que “em um momento histórico dado, as “formas ideológicas” em presença cumprem, de maneira necessariamente desigual, seu papel dialético de *matéria-prima* e de *obstáculo* com relação à produção dos conhecimentos, à prática pedagógica e à própria prática política do proletariado”. Esta é uma compreensão fundamental, pois introduz a categoria filosófica *processo sem sujeito*, que constitui o “fio vermelho”, para usar uma expressão trazida por Pêcheux, da tese materialista. (idem, p.76-77).

Passar da filosofia da linguagem à teoria do discurso supõe solicitar a Linguística para fora de seu domínio pelo trabalho do “sentido sobre o sentido”, o que supõe dar à Semântica um caráter materialista, reconhecendo que esse trabalho do sentido sobre o sentido só é possível pela “autonomia relativa da língua” que “se apresenta como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados” (idem, p.91). Isso significa que a língua se constitui por leis internas sobre as quais se realizam os processos discursivos. Pêcheux cita Balibar para dizer que a língua é indiferente à luta de classes, mas que as classes não são indiferentes à língua (idem, p.92). A ideologia se marca na língua. E nas diferentes bases materiais que suportam a produção dos sentidos, acrescento.

É a partir do trabalho com as relativas determinativas e explicativas que Pêcheux vai formular a relação entre o interdiscurso e a intradiscurso, ponto fundamental para a prática discursiva materialista. Retomando dos gramáticos de Port Royal a discussão sobre compreensão e extensão, significação e referência, sujeito e atributo, substância e propriedade, necessário e contingente, Pêcheux chega às determinativas e explicativas:

a relação determinativa, pelo jogo de relação entre compreensão e extensão, diz respeito exclusivamente à ordem do ser, o mundo das essências, *fora de toda adjunção do pensamento*: estamos no nível em que o ser se designa a si mesmo. A relação explicativa, ao contrário, intervém como uma *incidência do pensamento* sobre a ordem das essências. (PÊCHEUX, 1988. p.44)

Focando na questão da determinação e da subordinação, e passando pelo materialismo asséptico de Frege com seu “ponto cego” (idem, p.97), que apontava a falta de estabilidade referencial para certas expressões políticas (por exemplo “povo”, “a vontade do povo”...), Pêcheux chega a Paul Henry, que propôs o termo “pré-construído” (idem, p.99) para explicar o que Frege chamou de “ilusão” na relação entre o pensamento e o objeto do pensamento. Segundo Frege, “um objeto de pensamento pressupõe a existência de um objeto real que ele designa”, o que indicaria uma “imperfeição da linguagem”. Ao invés de falar em “ilusão” e em “imperfeição da linguagem”, Paul Henry traz o termo “*pré-construído*” para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado. Trata-se do efeito discursivo ligado ao *encaixe* sintático.” Pêcheux especifica:

[...] o fenômeno sintático da relativa determinativa é, ao contrário, a condição formal de um efeito de sentido cuja causa material se assenta, de fato, na relação dissimétrica por discrepância entre dois “domínios de pensamento”, de modo que um elemento de um domínio irrompe num elemento do outro sob a forma do que chamamos “pré-construído”, isto é, *como se esse elemento já se encontrasse aí.* (PÊCHEUX, 1988. p.99).

E para concluir essa primeira aproximação Pêcheux destaca:

A característica essencial do *pré-construído* é a separação entre o *pensamento* e o *objeto de pensamento*, com a pré-existência deste último marcada pela discrepância entre dois domínios de pensamento, de tal modo que o sujeito encontra um desses domínios como o impensado do seu pensamento, que pré-existe ao sujeito. [...] Essa separação é o motor do processo pelo qual *se pensa o objeto do pensamento*, isto é, o processo pelo qual o pensamento funciona segundo a modalidade do *conceito*: a unicidade de existência do objeto (designada pelo nome próprio e baseada na identificação do sujeito consigo mesmo) desaparece no “nome comum”, que é a forma gramatical do conceito [...]” (PÊCHEUX, 1988. p.102).

Quanto à relativa explicativa, Pêcheux afirma que ela

tem como característica essencial o fato de constituir, em si mesma, o que Frege chama um *pensamento*, isto é, um elemento não-saturado, por oposição à relativa “determinativa” e ao efeito

de pré-construído correspondente. [...] a proposição explicativa (que pode ser parafraseada por uma subordinada introduzida por “porque”) intervém como suporte do pensamento contido em uma outra proposição por meio de uma relação de *implicação* entre duas propriedades [...]. Daremos a essa relação o nome de *efeito de sustentação*, destacando que é ela que realiza a articulação entre as proposições constituintes. A explicativa tem um caráter incidente quanto à proposição de base, evoca lateralmente o que se sabe a partir de outro lugar e que serve para pensar o objeto da proposição de base.” (PÊCHEUX, 1988. p.110-111).

Pêcheux nos mostra que dar ao encaixe e à articulação uma consequência discursiva, mostrando que eles não se restringem a mecanismos linguísticos, é fazer intervir nessa relação o sujeito, tomado numa abordagem materialista, o que demandava o investimento na relação desse sujeito com aquilo que o representa e, portanto, um investimento na compreensão dos processos de identificação e da eficácia material do imaginário. (idem, p.124-125) Se, conforme lemos acima, a separação entre o pensamento e o objeto do pensamento é o motor do processo pelo qual se pensa o objeto do pensamento, então é preciso compreender o funcionamento do “pensamento” nos processos discursivos, compreender como se constitui o “pensável” (idem, p.125) e como o processo de identificação intervém nessa constituição.

Vemos, com Pêcheux, que o pré-construído fornece a realidade e seu sentido e a articulação constitui o sujeito em sua relação com o sentido. Além disso, o autor nos diz que o efeito de encaixe do pré-construído e o efeito de articulação dos enunciados são determinados materialmente na própria estrutura do interdiscurso. (idem, p.162) São pontos importantes e que nos ajudam a compreender o funcionamento do pensamento nos processos discursivos, a partir do “primado do interdiscurso sobre o intradiscurso” (idem, p.167). O “*interdiscurso enquanto pré-construído* fornece a matéria prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, nos diz Pêcheux, e o intradiscurso é o “fio do discurso”, “efeito do interdiscurso sobre si mesmo”, uma “interioridade” determinada “do exterior” (idem, p.167).

O gesto teórico de Pêcheux de elaborar a relação entre o interdiscurso e o intradiscurso foi decisivo para a abertura do simbólico. É interessante observar que no texto de 69, ao elaborar a relação do sujeito com as formações imaginárias, Pêcheux fala na não-coincidência entre as “situações objetivamente definíveis” e as “representações dessas situações”, que ele chama de “posições”. Neste texto de 75 Pêcheux elabora a discrepância entre o interdiscurso e o intradiscurso, com a dominância do primeiro sobre o segundo. Não-coincidência e discrepância: dois gestos teóricos que

insistiram na recusa do conteudismo e do subjetivismo, abrindo espaço para uma aproximação entre ideologia e inconsciente, com o consequente redirecionamento da prática analítica.

Esta aproximação se realiza de forma particularmente afinada na *Anexo III de Semântica e Discurso*. Voltarei a este ponto depois de retomar o processo de identificação do sujeito, tal como Pêcheux o trouxe em 75.

Discorrendo sobre o “*mito continuísta empírico-subjetivista*” (idem, p.127) que constitui o sujeito do idealismo, Pêcheux afirma que “o continuísmo que marca a oposição situação/propriedade se apoia sobre o processo de identificação do sujeito”, sendo que “o imaginário da identificação mascara qualquer descontinuidade epistemológica” (idem, p.129). Trata-se da conjunção entre o esquecimento nº1 e o esquecimento nº2, que ao produzir a evidência do sujeito e a evidência do sentido, “mascara a descontinuidade entre conhecimento científico e desconhecimento ideológico” (idem, p.129).

Ressalto que o objetivo, afirmado no início de *Semântica e Discurso*, “de lutar contra uma concepção stalinista voluntarista da ciência em que “o marxismo” ditaria seus princípios e seus resultados”, levou Pêcheux a considerar que “tudo depende da ideologia, primordialmente a concepção da teoria e da prática revolucionária”, assim como o levou a considerar as consequências dessa dependência no que tange a questões como “o que significa lutar?”, “o que significa produzir (e “reproduzir”) conhecimentos científicos?” (p.178).

Pêcheux disse que para responder a essas questões era preciso tomar como ponto de partida a “forma-sujeito”: “o corte que inaugura uma ciência dada é acompanhado necessariamente de um questionamento da forma-sujeito e da evidência do sentido que nela se acha incluída” (idem, p.193). Aqui reside, a meu ver, o ponto nodal que levou Pêcheux a escrever o *Anexo III*, retificando principalmente o termo “desidentificação” (idem, p.306, nota18), ligado ao “fantasma de um estranho sujeito materialista que efetua a ‘apropriação subjetiva da política do proletariado’” (idem, p.298). Justamente porque restringiu seu foco à forma-sujeito, às “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção”, o autor não pode dar consequência, em *Semântica e Discurso*, à relação entre língua, sujeito, ideologia e inconsciente. Mas aí está o *Anexo III*, espaço magistral de refinamento teórico!

#### **4 Só há causa daquilo que falha**

*Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação* é um texto em que Pêcheux não poupa a teoria, levando as exigências teóricas ao encontro de suas filiações epistemológicas.

O autor retoma o seguinte recorte do texto de 75: “a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sense* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira. (idem, p.295).

Como aponta Pêcheux, a formulação da tese da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira tocou no ponto-limite da reflexão marxista, que “ameaçava enclausurar a política do proletariado” seja no “dilema do quietismo” ou do “salto voluntarista” do sujeito (idem, p. 295). Como escapar ao determinismo do sujeito? Como dar consequência à questão provocadora formulada a partir do assujeitamento do indivíduo, e que apontava os homens como não mais do que “suportes”? (idem, p. 297).

Ao se colocar entre os que “tiveram a fraqueza de levar a sério essa questão provocadora, a despeito das intenções malevolentes dos que a colocavam” (idem), Pêcheux relata seu empenho em desenvolver, em *Les Vérités de La Palice*<sup>4</sup>, a noção de luta ideológica de classes tendo como base o artigo de Althusser *Aparelhos Ideológicos de Estado*:

[...] fui mais longe investigando de que modo, no absurdo círculo de evidência constituído pela interpelação, “o sujeito é produzido” como historicamente capaz - sob certas condições essencialmente ligadas à aparição da teoria marxista-leninista - de se voltar contra causas que o determinam, porque ele as apreende teórica e praticamente: de bom ou mau grado, cheguei, assim, no fim de *Les Vérités de La Palice* a delinear o fantasma de um estranho sujeito materialista que efetua a “apropriação subjetiva da política do proletariado”. E, apesar de todas as precauções teóricas de que eu me cercava (em particular com a noção de “desidentificação” cuja discussão retomarei em outra parte), cheguei finalmente a um paradoxal sujeito da prática política do proletariado cuja simetria tendencial com o sujeito da prática burguesa não era questionada! (PÊCHEUX, 1988. p.298).

Pêcheux (1988) reconhece ter se apoiado em uma “*exterioridade radical da teoria marxista-leninista*” e afirma ter chegado à “possibilidade de uma espécie de *pedagogia da ruptura das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra*, logo a possibilidade de uma “*interpelação às avessas*” atuando na prática política do proletariado” (p. 298-299).

4 Traduzido como *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (PÊCHEUX, 1988).

Pêcheux não deixa dúvidas quanto ao que significa ser materialista, expondo, ponto a ponto, seus deslizes idealistas na relação com o marxismo e com a psicanálise: “levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les Vérités de La Palice*” (idem, p.300).

É importante compreendermos o reconhecimento constitutivo do processo de identificação sendo presidido pelo (des)conhecimento, e mais, o processo de identificação como um processo simbólico, um trabalho metafórico/metonímico na cadeia significante, justamente porque “o fato de que o *non-sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, nunca é inteiramente recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto” (idem, p.300). Ou seja, a interpelação do sujeito à língua(gem), na história, está sempre exposta à incompletude e à contradição, sempre aberta à possibilidade de outras relações de identificação.

O aforismo Lacaniano “só há causa daquilo que falha” nos diz que “a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura”, se “manifesta incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito” (idem, p.300).

Pêcheux nos fala da

origem não-detectável da resistência e da revolta: formas de aparição fugidias de alguma coisa “de uma outra ordem”, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio.” (PÊCHEUX, 1988. p.301).

Encontro a resistência como um trabalho simbólico. Pêcheux afirma a necessidade de a ideologia ser pensada com referência ao inconsciente. Sem abrir mão da afirmação de que a luta de classes é o motor da história, o autor diz que a possibilidade da revolta “se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico” (idem, p.302). Elaborações teóricas que incidem sobre a prática analítica discursiva materialista.

## 5 Considerações Finais

Na história do “empreendimento” teórico-analítico de Michel Pêcheux, são muitos os recortes possíveis. Na seleção das obras aqui comentadas,

busquei marcar três momentos significativos e extremamente produtivos desse universo de reflexão. O texto de 69 é reconhecidamente um marco inicial e consegue, de fato, propor uma “mudança de terreno” em relação ao idealismo e à leitura de conteúdo. O texto de 75, na continuidade da briga com o idealismo, consolida a perspectiva materialista apresentando um investimento de grande força teórica na relação entre o sujeito e a ideologia. E o texto de 78/79 vem selar redirecionamentos fundamentais para a prática materialista de leitura, dando consequência ao trabalho simbólico dos sentidos pelo entrelaçamento do sujeito da ideologia com o sujeito do inconsciente.

Os gestos teórico-analíticos realçados do percurso de Michel Pêcheux marcam momentos que considero fecundos para a prática discursiva materialista, tendo trazido cada vez mais possibilidades de compreensão do funcionamento do político no social.

## BIBLIOGRAFIA

- GADET, F. & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.
- LAGAZZI, S. O recorte significante na memória. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. In: *O Discurso na Contemporaneidade. Materialidades e Fronteiras*. F. Indursky, M. C. L. Ferreira & S. Mittmann (orgs.). São Carlos: Claraluz, 2009. p.67-78.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

*Recebido em: 10/07/2015. Aceito em: 10/08/2015.*